

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire



O Brasil depende da revolução educacional para atingir o desenvolvimento

A escola pode mudar o Brasil?

A educação de qualidade é mais que uma simples exigência para a elevação cultural do povo: no mundo atual é a única forma de um país alcançar a sustentar o desenvolvimento econômico, dizem educadores

Procópio Mineiro

A questão educacional mostra sinais agudos de crise, a cada ano. De um lado, os educadores denunciam a progressiva desestruturação do ensino público, enquanto, do outro, o ensino privado – ao qual ocorre a classe média – sofre igual crise de qualidade, embora possa dar-se ao luxo de aplicar as leis de mercado à demanda crescente: quer preços livres e, para tanto, praticou uma semana de locaute, em escala nacional, em meados deste mês de agosto.

Os colégios particulares já ganharam a questão, porque, em pleno locaute, o presidente Collor de Mello baixou a medida provisória 207, eliminando qualquer controle do Estado sobre o custo do ensino privado. A partir de agora, colégios e pais é que terão de acertar diretamente as mensalidades.

Qual será o efeito sobre a educação nas escolas particulares? As direções terão a sensatez de propor preços suportáveis, conscientes das peculiaridades deste negócio? Os pais terão condições reais de negociar com os donos

de colégios? O Estado subsidiará as famílias que não puderem mais enfrentar as novas mensalidades? Ou, para preservar sua alegada postura liberal, o governo deixará esse mercado particular do ensino funcionando livremente e reservará os recursos do Estado apenas para o ensino público?

O dilema real, segundo educadores, está na falta de vontade dos poderes públicos em oferecer à população, como é dever constitucional do Estado, um ensino de qualidade.

Conhecimento – É um debate antigo, que se prende à própria concepção do futuro nacional. Os defensores do ensino público de qualidade apontam-no como o único instrumento de abertura dos caminhos para o desenvolvimento, partindo do pressuposto de que só um povo dotado de sistema educacional competente atinge o desenvolvimento moderno, que se baseia em conhecimento e técnica.

A primeira experiência em larga escala de um sistema educacional dotado dessas potencialidades foi testada no Rio de Janeiro, no governo de Leonel Brizola,

que implantou um projeto especial de educação, cujo núcleo são os Centros Integrados de Educação Pública-Cieps. Tema de apaixonados debates pré-eleitorais nos últimos oito anos, o modelo Ciep parece penetrar cada vez mais nas reflexões de educadores de todo o país, uma vez que oferece uma saída para um ensino público de qualidade que atinja toda a população.

Em recente encontro de educadores em Niterói, o professor Paulo Freire atestou a importância da experiência levada a efeito no Rio de Janeiro, expressando ao professor Darcy Ribeiro sua opinião de que o modelo Ciep, a escola de qualidade e tempo integral para as massas populares, “é a grande revolução da educação brasileira”.

Polêmica – Ciep ou que outro nome possa ter em outras regiões do país, uma escola pública que cumpra sua função de elevar o nível educacional e cultural do brasileiro será tema ainda de debates prolongados, que, aliás, começaram no início do século e que resultaram numa experiência pioneira, nos anos 30, através do professor Anísio Teixeira e de sua

Escola-Parque.

A intensidade das discussões é comprovada pela polêmica de meses atrás, quando o conhecido educador carioca Lauro de Oliveira Lima apareceu nas páginas do caderno "Idéias", do Jornal do Brasil, com um artigo de severas críticas aos Cieps. Acusando o programa planejado por Darcy Ribeiro e por outros educadores renomados de ser uma proposta vazia de conteúdo pedagógico, Lauro de Oliveira Lima, que se dedica ao ensino particular, criticou o custo de construção dos prédios dos Cieps e chegou mesmo a investir contra o fato de as crianças permanecerem oito horas na escola, considerando que isso representaria uma espécie de confinamento infantil.

Um artigo irônico de Darcy Ribeiro — além de responder às críticas e destacar os possíveis interesses imediatos daquele educador, dono de escola para a classe média alta — ajudou a acender a polêmica, de que participaram educadores e leitores do jornal, destacando as propostas pedagógicas do modelo Ciep e mostrando como a escola pública de tempo integral é comum nos países do Primeiro e do Segundo Mundo, sendo a base sobre a qual se construiu o desenvolvimento daqueles países.

A polêmica não se esgotou, mas, cada vez mais, se torna estreita a faixa da pura opinião ou da ideologização do debate: hoje, de um lado existe a escola pública tradicional e sua reconhecida falência, de que se beneficia a escola privada — sem contudo conseguir dar resposta em quantidade e qualidade às necessidades do país — e, do outro lado, já existe um modelo em teste, de objetivos ambiciosos e que mostra plena viabilidade, segundo os educadores nele envolvidos. A tendência parece ser a de confrontarem, cada vez, os resultados dos três modelos — o particular, o público tradicional e o representado pelo Ciep. Para tanto, poucos anos poderão bastar, para que a polêmica se esgote pela força dos resultados de cada tipo de educação.

Na opinião de educadores envolvidos na luta pela escola pública de qualidade, restará ainda esperar que a mentalidade imperante se transforme e desperte para a importância de o país contar com uma nova filosofia de educação para sua população.

Só a educação desenvolve

A escola pública brasileira deixou de ser capaz de ensinar

A educadora e historiadora Maria Yedda Linhares, professora de pós-graduação na Universidade Federal Fluminense, está há muito envolvida nos embates da transformação do panorama do ensino brasileiro e defende um ensino público capaz de educar adequadamente as massas populares. Participante do projeto dos Cieps no Rio de Janeiro, onde foi secretária de educação, Maria Yedda considera que o futuro do país depende da transformação de sua estrutura de ensino, particularmente o primário e secundário.

A escola tem um papel no desenvolvimento brasileiro?

—É impossível mudar uma sociedade sem a educação. Precisamos admitir que o ensino público de qualidade faz medo, porque ele vem para mudar, para tornar-se um instrumento transformador da sociedade brasileira. É impossível ter um país desenvolvido, um país avançado, sem uma mocidade letrada, capaz de ler e escrever. As elites brasileiras não admitem que isso ocorra, porque, no fundo, a sociedade brasileira continua dividida entre os que têm e os que nada têm, entre os poderosos e os pobres. Uma escola que venha modificar esse panorama é vista como perigosa. Isto é o que explica a sistemática destruição da filosofia dos Centros Integrados de Educação Pública-Cieps pelo atual governo fluminense.



Maria Yedda: Brasil está atrasado um século na estrutura educacional

Qual é a base da concepção do modelo Centro Integrado de Educação Pública-Ciep?

—Os Cieps foram criados para mudar a escola pública. O Ciep não é uma outra escola, mas a verdadeira escola pública, que deveria sempre ter existido no país, como existe nos países desenvolvidos do mundo. É uma escola capaz de redimir o ensino público, de superar a escola atual, que não passa de uma tapeação, um brinco, um faz de conta. O Ciep, ao contrário, é a escola de tempo integral, que entende a criança de forma adequada, que prevê todas as possibilidades de aprendizado e de integração da criança a seu meio e a sua comunidade e que permite ao aluno aprender e passar de ano, em lugar de ficar marcando passo com reprovações sucessivas, como ocorre hoje. A escola pública no Brasil deixou de ser a escola capaz de ensinar. O Ciep é a nova escola, aquela que vai redimir a escola pública e desenvolver a criança como ser humano e não como simples elemento estatístico.

A experiência implantada pelo governo fluminense anterior chegou a ser pejorativamente definida como uma espécie de pensão infantil.

—É tão fácil responder a isso. Pergunto: e o holandês e o dinamarquês? As crianças dolococéfalas louras da Europa

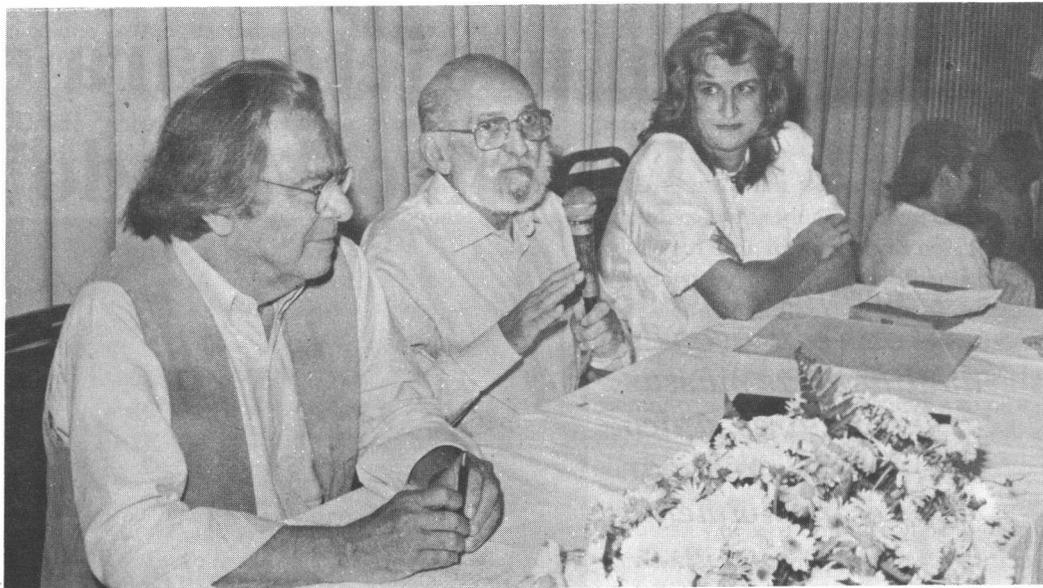
passam o dia na escola, elas fazem suas refeições na escola. Por que as nossas crianças pobres não podem ter o mesmo tipo de educação? Criança tem de passar o dia na escola, como acontece na França, na Suécia, na Alemanha, na Inglaterra, no Japão. Por que no Brasil não pode? Como crítica, dizem que o Ciep é uma escola assistencial. O que está por trás dessa crítica? O que está por trás é o medo de que a escola pública volte a ser uma escola eficiente.

A educação nacional está rediscutindo a escola pública?

—O Ciep vem despertando grande interesse nos educadores brasileiros, pelo fato de conter uma proposta pedagógica inovadora e de criar uma escola verdadeiramente brasileira. Há uma quantidade muito grande de teses que estão sendo desenvolvidas sobre o assunto em diversas universidades do país. O Ciep é tema, igualmente, de sucessivos encontros de professores e tem sido alvo de interesse de algumas prefeituras. A própria Câmara Municipal de São Paulo promoveu, recentemente, um amplo seminário sobre o assunto, com a participação de centenas de prefeitos e secretários de educação e cultura de municípios paulistas. O mesmo ocorre no Paraná e em outros pontos do país.

Ocorre um avanço, então?

—Não sei dizer se as esferas governamentais estão conscientizadas da questão. Eu acho que ainda falta muito a fazer, para que a mentalidade política apresente mudanças positivas em relação à educação. As classes dominantes precisam modificar sua visão a respeito da questão educacional brasileira. Isto, aliás, é um desafio enorme para elas, pois nessa mudança de mentalidade está envolvida a própria sobrevivência dessas classes. Se não mudarem, não sobreviverão. Sem um projeto nacional adequado de integração, pela educação, das populações marginalizadas, nosso futuro é



O professor Paulo Freire, ao centro, defende a escola popular de tempo integral, em seminário de educadores realizado em Niterói

incerto. A continuar como está, não sei o que pode acontecer a este país.

O que ocorreu em outros países?

—Já no século passado, a Alemanha, os Estados Unidos, a Inglaterra, a Fran-

“Criança tem de passar o dia na escola, como acontece na França, na Suécia, na Alemanha, na Inglaterra, no Japão. Por que no Brasil não pode?”

ça desenvolveram sistemas educacionais absolutamente exemplares, que foram a base sobre a qual aqueles países sustentaram o desenvolvimento, transformaram-se nos grandes países capitalistas e comandaram o mundo. Hoje, quando os Estados Unidos enfrentam os desafios dos outros gigantes capitalistas, é sintomático que um dos grandes debates nacionais que lá se trava seja

exatamente a respeito da escola pública e da necessidade de redinamizá-la. Lá a consciência da relação da educação de massa de qualidade com o desenvolvimento nacional é muito clara. No Brasil, ao contrário, ocorre o que vemos: elites empedernidas na visão atrasada, partidos políticos — até alguns que se dizem de esquerda — combatem a educação pública de qualidade, apenas por acharem que é uma bandeira levantada por um concorrente, no caso o PDT.

É um clima de mediocridade, tanto nas elites das esquerdas, quanto nas elites da direita. Estas, como se sabe, combatem a educação pública, para manterem seus lucros com a escola particular. Aliás, o Brasil é o único país do mundo em que se faz fortuna com o ensino. Não existe isso nos Estados Unidos, onde as escolas particulares são fundações, tal como na Inglaterra, supervisionadas pelo Estado. Mas, no Brasil, escola é negócio, é comércio.

Por isso, se torna ainda mais estranho ver grupos progressistas combatendo a mudança radical no ensino brasileiro proposta pelo modelo dos Cieps. É preciso ter uma visão histórica mais larga, entender melhor o mundo, refletir profundamente por que somos hoje o que somos. Mas, nossa esquerda ainda tem visão estreita, mentalidade apoucada, do ponto de vista político.

P.M.